

'A única opção é transformar a crise em oportunidade'

Para especialista, caos grego requer, além de duras medidas econômicas, uma transformação profunda da cultura

ENTREVISTA

Stavros Katsios

• TEL AVIV. "A política é a arte do possível". O advogado e professor de relações econômicas internacionais Stavros Katsios, da Ionion University, na Ilha de Corfu, no Noroeste da Grécia, cita o estadista alemão Otto Von Bismarck para soar otimista quanto ao futuro da Grécia. Para ele, ainda é possível que os gregos, mesmo no fundo do poço, deem a volta por cima, deixando para trás práticas econômicas e políticas arcaicas e ganhando a confiança dos países da zona do euro, que, diz, estão mais interessados em salvar a pele do bloco que em realmente ajudar a Grécia. Para Katsios, a economia já mostra alguns sinais de melhora.



KATSIOS: "SERÁ um procedimento doloroso, porque requer uma mudança de culturas e éticas arcaicas"

grego ter de escolher entre um segundo pacote ou um calote desordenado apenas exemplifica a falência política, institucional e moral do país. Mas muitas das medidas, se implementadas, podem de fato contribuir para a modernização da economia grega.

• **As medidas serão aplicadas ou são só para alemão ver?**

KATSIOS: A aplicação tem sido, por décadas, o grande problema da Grécia. Sem implementação, não há estado de direito e muito menos reformas. Mas, para que isso aconteça, é preciso consen-

so. O desejo de reformas existe junto ao público, mas ainda não é latente ao nível político. Os gregos precisam urgentemente reformar a administração pública do país. Será um procedimento doloroso, porque requer uma mudança de culturas e éticas arcaicas, justamente quando o setor estatal está perdendo seus funcionários mais experientes.

• **Como o senhor vê o tratamento dado pela União Europeia (UE) à Grécia?**

KATSIOS: A UE respondeu de maneira inadequada à crise, sobretudo os maio-

res Estados. O bloco estava mais preocupado em proteger seu sistema bancário contra o calote grego do que em realmente ajudar o país. Na maior parte dos últimos dois anos, a zona do euro, liderada pela Alemanha, fez de tudo para prevenir um colapso catastrófico do bloco, enquanto procurava evitar se responsabilizar pelas incertezas de economias "corruptas", "não confiáveis" e "não reformuladas" de países como Grécia, Portugal, Itália e Espanha. É óbvio que, para os países europeus ricos, faz sentido preservar o euro sem ter

que lidar com países cujos sistemas políticos não são confiáveis. A Grécia é encarada como um país que oferece muito risco e graves perigos.

• **Como isso tudo tem afetado os gregos?**

KATSIOS: Como estamos num "marco zero" em termos psicológicos, a opção enfrentada pela Grécia é entre a queda livre até o fundo do poço ou uma corrida até o topo. Na verdade, essa recessão pode ter vindo na hora certa para deslanchar mudanças estruturais substanciais. Agora, estamos sendo forçados a tratar da doença e não dos sintomas. Há uma enorme demanda por mudanças de um povo frustrado pela injustiça e a incompetência.

• **Como o senhor avalia a liderança do primeiro-ministro Lucas Papademos?**

KATSIOS: As pesquisas de opinião são favoráveis ao governo Papademos, o que aponta para a crença, entre alguns gregos, de que uma administração tecnocrata pode ser preferível a uma classe política incompetente. Isso não significa que todos concordam com as medidas de austeridade, mas sim que têm o desejo de corrigir a situação. Acho que Papademos vai prestar um grande serviço a seu país se conseguir colocar em andamento uma dinâmica que restaure a competitividade da economia grega através da reforma de institui-

ções e processos políticos. Tecnocratas podem se transformar em políticos; o contrário é impossível.

• **O senhor acredita que haverá uma melhora a curto prazo para o país?**

KATSIOS: No momento, parece que não conseguimos juntar forças para levar adiante as reformas mais profundas, que são vistas como necessárias por uma grande porção do eleitorado e de nossos credores. Mas a Grécia já conseguiu melhorar seu balanço orçamentário primário em cerca de 8% do PIB desde 2009. Fora isso, os gastos públicos estão em 44% em relação ao PIB (Produto Interno Bruto). Não são tão elevados, levando-se em consideração que a média na zona do euro é de 48%. A crise grega é um problema apolítico, a única opção é transformar a crise em oportunidade.

• **É possível, então, manter o otimismo, apesar da depressão social e econômica?**

KATSIOS: Sim. Estou confiante de que nosso país vai superar essa crise, vai dar a volta por cima, apesar de tudo e de todos. Como disse Otto Von Bismarck, "a política é a arte do possível". Tendo vivido de pegar dinheiro emprestado, é possível que a Grécia encontre a força necessária para construir um futuro sustentável e próspero. ■

Quem garante que a Grécia será um caso isolado?

Para analistas, reestruturação de dívida não poderá ser copiada por Portugal e Itália, entre outros países em crise

Deborah Berlinck

deborah.berlinck@oglobo.com.br

Correspondente

• PARIS. A Grécia deverá apresentar esta semana aos credores privados sua proposta final para redução da dívida. Vai ser a maior reestruturação de dívida da História do continente, com perdas de quase 70% para investidores. Líderes europeus insistem que a Grécia será um "caso único": nenhum outro país deve esperar obter perdão de dívida. Mas, no mercado e entre economistas, todo mundo já pergunta quem vai ser a próxima bola da vez. Portugal? O fato é que a dívida em rela-

ção ao Produto Interno Bruto (PIB, soma de bens e serviços produzidos no país) de Portugal, Espanha, Itália e outros endividados da zona do euro — com todo aperto de cinto — está aumentando. Não porque a dívida, em si, esteja crescendo, mas por outro motivo: a economia desses países está encolhendo.

A dívida de Portugal — eleito modelo da União Europeia (UE) e do Fundo Monetário Internacional (FMI), por seguir à risca todas as exigências sem que portugueses revoltados saiam às ruas queimando prédios, como na Grécia — vai subir de 107% do PIB para 118% em 2013. Da Espanha, em 2013, vai do-

brar, segundo as projeções do próprio bloco: de 36% antes da crise para 84%. E na Itália vai passar de 105% em 2009 para 126% no próximo ano.

Entra aí o choque de doutrinas que está dividindo o continente: uns apostam que o aperto tem de ser intenso a curto prazo para colher os frutos no futuro, enquanto outros dizem que, por força de uma austeridade tão violenta, esses países correm o risco de afundar ainda mais. Três analistas ouvidos pelo GLOBO não descartam os riscos de nova reviravolta na zona do euro. Mas entre eles próprios fica clara a divisão.

O economista alemão Gun-

tram Wolff, vice-diretor do Instituto Bruegel, em Bruxelas, acha que a austeridade em Portugal é "inevitável". A saída para Portugal voltar a crescer, segundo ele, precisa vir de uma reestruturação da exportação.

— Portugal precisa exportar mais para evitar o colapso da economia — afirma.

Imaginar a reestruturação da dívida também de Portugal, segundo Wolff, seria enviar uma mensagem "terrível". Os líderes europeus se comprometeram que a Grécia seria exceção:

— É preciso ter uma linha clara. Para Portugal, tem de ser: não haverá reestruturação — afirma o economista. — Os eu-

ropeus deram uma mensagem clara: a Grécia é excepcional. Se agora disserem "bom, na realidade, Portugal também é excepcional", o mercado vai dizer: "ok, ok... e a Itália também vai ser excepcional". Af estarem numa grande confusão.

Mas o economista italiano Francesco Saraceno, do Observatório Francês de Conjunturas Econômicas (OFCE), lança duas perguntas. A primeira: Portugal vai exportar para quem, se os outros também encolhem? Segunda: que poder têm os líderes europeus, que erraram ao dizer que a Grécia não ia quebrar, para decidir agora que outros não terão de reestruturar suas dívidas?

— Estamos atualmente no caminho que garante que países (endividados) vão eliminar o risco de calote? Se não estivermos, a Grécia não será caso isolado — diz Saraceno, para quem a Europa se concentra na questão errada. — A dívida não é problema. Podemos viver com dívida alta, desde que sustentável. O problema está no baixo crescimento.

Ontem, o gabinete grego aprovou formalmente as medidas de austeridade fiscal, anunciadas na semana passada, para receber o pacote de ajuda de € 130 bilhões. O gabinete concordou em lançar um swap de dívida para credores privados em 8 de março e concluí-la até 11 de março. ■

China corta compulsório pela 2ª vez

Medida para conter desaceleração injeta US\$ 63 bi em bancos

• PEQUIM. Pela segunda vez em três meses, a China reduziu a taxa de depósito compulsório dos bancos — recursos que devem ser mantidos como reservas das instituições financeiras —, num novo passo para conter a desaceleração da segunda maior economia do mundo. O corte de 0,5 ponto percentual, que passa a valer em 24 de fevereiro, reduziu a taxa para os maiores bancos locais a 20,5%. Com a medida, o Banco Popular da China vai injetar 400 bilhões de yuans (cerca de US\$ 63,5 bilhões) no sistema bancário e incentivar o crédito.

— Não é uma grande surpresa. Ainda que eles (líderes chineses) exerçam pressão pela estabilidade da China, foi preciso um corte do compulsório. Os dados monetários e comerciais de janeiro indicaram que há uma pressão de queda sobre a economia — disse Hua Zhongwei, economista da Huachuang Securities, em Pequim.

O crescimento da economia do país deve desacelerar para 8,2% no primeiro trimestre deste ano, frente a 8,9% no período anterior, segundo estimativas de economistas. Uma pesquisa da Reuters, realizada em janeiro, mostrou que o banco central pode ajustar a taxa do compulsório num total de 2 pontos percentuais, para 19% neste ano.

pontofrio

Tudo de melhor pelo melhor preço.

MEMÓRIA 4 GB

TELA LED

HD 500 GB

HDMI

3D CONVERTE E ASSISTA A VÍDEOS E FOTOS EM 3D

POSITIVO

R\$ 1.299,00

à vista ou 10X R\$ 129,90 sem juros no Cartão Pontofrio*

> Notebook Premium N3455 com Processador Intel® Pentium® Windows® 7 Home Basic Original

TV 40" LCD Full HD com conversor digital

R\$ 1.699,00

à vista ou 10X R\$ 169,90 sem juros no Cartão Pontofrio*

> Notebook G4-1150 Segunda geração do processador Intel® Core™ i3 Windows® 7 Home Basic Original

HP

HP Memória 4 GB HD 640 GB

intel Inside

CORE i3

LOJAS A HOJE SEGUNDA DE CAFÉ

> A partir de**

R\$ 1.599,00

à vista ou 10X R\$ 159,90 sem juros no Cartão Pontofrio*

HDMI

BLUETOOTH

TELA LED

R\$ 999,00

à vista ou 10X R\$ 99,90 sem juros no Cartão Pontofrio*

TV 32" LED com conversor digital

R\$ 999,00

à vista ou 10X R\$ 99,90 sem juros no Cartão Pontofrio*

10X R\$ sem juros no Cartão Pontofrio*

10X R\$ sem juros no Cartão Pontofrio*

Telefone 4002 3050

www.pontofrio.com.br

24h com as melhores ofertas